

REVISTA PASSE E ARDEIA 19

DIVULGAÇÃO CULTURAL

ANO 5 PASSOS - MG SETEMBRO DE 2025 Nº 19



**ENTREVISTA
EXCLUSIVA**

CANASTRAPE

**PÁGINA
3**

FÊ NOS ÚLTIMOS DIAS

Pedro Garrido

Página 10

5ª MOSTRA TUNIN

Larissa Liger Greve

Página 18

3



Entrevista com
Canastrapé

NESTA EDIÇÃO

- | | |
|----|-------------------------------------|
| 8 | Outros Rostos |
| 9 | Minha Opinião: Não Sois Máquina |
| 10 | Fé nos últimos dias |
| 12 | Limites e Ilusões |
| 14 | Seção Musical: Até a lua |
| 15 | Mensagens do Alto: O Próximo |
| 18 | A 5ª Mostra Tunin de Teatro de Rua |
| 20 | Poema: Ferrugem de Adailton Almeida |
| 22 | Igrejas de Passos - MG |
| 25 | Miniconto Parte II |
| 27 | Poema: Ansiar de Lalita Labs |
| 28 | Minha História: Beto Rosa |

CANASTRAS

ENTREVISTA EXCLUSIVA



Sou da cidade de Passos

"A LETRA DA COMPOSIÇÃO APRESENTA
O FUTEBOL, A CONGADA E CAPOEIRA COMO
PATRIMÔNIOS DA CULTURA PASSENSE."



SHOW E CORTEJO PELAS RUAS DA CIDADE MARCARAM O LANÇAMENTO DA MÚSICA "SOU DA CIDADE DE PASSOS" OS COMPOSITORES MÁRCIO FRANCISCO DE CARVALHO E THIAGO HENRIQUE DOS SANTOS FIZERAM O LANÇAMENTO DA MÚSICA "SOU DA CIDADE DE PASSOS"

COMO SE CONHECERAM? COMO FOI A PARCERIA?

Márcio comenta que conheceu Thiago ainda na época de cursinho (Educafro) e, portanto, são amigos de longa data. Os dois amigos compositores são integrantes da banda Canastrapé, que toca música em estilo forró pé de serra e xote, onde realizam muitos shows em toda a região e principalmente aos pés da Canastra.

Além de compartilharem o gosto pela música, os amigos também são professores de História e entusiastas pela temática da história local.

É A PRIMEIRA COMPOSIÇÃO EM PARCERIA?

Thiago relatou que essa foi a primeira parceria de composição musical que fizeram juntos, porém ambos já colecionam outras composições individuais.

QUAIS SÃO OUTRAS COMPOSIÇÕES MUSICAIS INDIVIDUAIS QUE CADA UM POSSUI?

Thiago Henrique: possui composições como "Vou pra Serra da Canastra" e "Capitólio Xote". Márcio Carvalho: compôs "Morro Alto" e "Canastreiro".

O QUE SIGNIFICA COMPOR?

Para Thiago, compor não é só criar músicas, mas sim um ato de expressão, de transformar sentimentos e experiências.

Márcio acredita que compor é relatar vivências e transformar histórias em melodias para conectar as pessoas.

QUAL O OBJETIVO DA MÚSICA?

Para Márcio, é uma forma de preservar a memória, dar voz à cultura local e eternizar sentimentos, histórias e identidades em forma de melodia.

Para Thiago, a composição foi criada com o objetivo de homenagear a cidade de Passos, celebrando suas raízes, valorizando sua identidade e fortalecendo o sentimento de pertencimento.

O QUE A COMPOSIÇÃO APRESENTA?

Na composição, os compositores relatam a paixão por Passos e por Minas Gerais. A letra da composição apresenta o futebol, a congada e a capoeira como patrimônios da cultura passense. De uma forma poética, retrata que as belezas de Passos permitem os sonhos e que Passos é uma cidade de um povo acolhedor e uma terra de vencedores.

A MÚSICA FOI REGISTRADA?

A música "Sou da Cidade de Passos" foi registrada pelos compositores na Fundação Biblioteca Nacional (BN), no Escritório de Direitos Autorais, com Certidão de Registro/Averbação Nº Registro: 916.215, Livro: 1.787, Folha: 476.

COMO FOI O LANÇAMENTO DA MÚSICA?

Através da Secretaria Municipal de Cultura e Patrimônio





Histórico, eles conseguiram, via Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), que a música fosse lançada com um show artístico e um cortejo.

COMO FOI O SHOW ARTÍSTICO DE LANÇAMENTO?

O show artístico de lançamento aconteceu no dia 27 de junho, às 20 horas, no Instituto Motirô, localizado na Rua Santo Antônio, 100.

O lançamento de uma música foi muito além de apresentar uma simples faixa, foi uma oportunidade de criar uma conexão única com o público. Márcio comenta que “a história da música ganhou vida, transformou a energia do estúdio em algo real e palpável. A emoção das pessoas e a troca de sentimentos foi algo inesquecível. Passos mostrou que é um lugar que respira música e talento.”

Thiago comenta que “a energia de cada pessoa que estava lá,

a vibração da galera cantando junto, foi algo indescritível. Grato por cada um que fez esse momento ser tão especial. Juntos estamos criando histórias que vão durar para sempre.”

COMO FOI O CORTEJO MUSICAL DE LANÇAMENTO?

No dia 28 de junho, às 10:00, foi realizado um cortejo da Praça do Rosário até a Praça Cel. José Caetano Machado (antigo Largo Santo Antônio), anunciando a música “Sou da Cidade de Passos”.

A saída foi às 10:00 horas da manhã da Praça do Rosário, lugar de fé e resistência, e seguiu até o Largo Santo Antônio, marco zero do município de Passos (MG).

Entre o sagrado e o popular, entre o zabumba e o compasso, entre o triângulo e o ritmo e entre a sanfona e os versos, esse cortejo será um marco de uma memória em movimento,

da cultura viva e de um grito de pertencimento.

Para o compositor Márcio Carvalho, “foi mais do que um cortejo de lançamento — foi a celebração da nossa história, da nossa gente, das nossas raízes.”

“O cortejo tem uma força simbólica muito bonita — conecta tradição, cultura popular e identidade local”, afirma o compositor Thiago Henrique dos Santos.

ONDE ESTÁ DISPONÍVEL A MÚSICA?

A música também foi lançada nas plataformas digitais como Spotify, YouTube e Instagram.



Instagram:
@canastrapexote

YouTube:
Canal Canastrapé

Ouçá a Música





OUTROS ROSTOS

Eu pensei que jamais esqueceria os outros,
Aqueles três ou quatro rostos da minha vida.
Acreditava na eternidade daquelas faces doces
E as organizei em arquivos na minha memória.
Quantas vezes resgatei dos porões da mente,
O que eu pensava serem meus amores imortais.
Quantas vezes ressuscitei criaturas extintas,
Na tentativa de preencher vazios do coração.
Mas agora vejo que o que existe em mim

É você, você, você!

Onde será que arqueei "Lábios de fogo"?
Onde estão as cinzas daqueles beijos loucos?
E "Diva dos cabelos de sol", onde a escondi?
Em que baú enterrei aquele tesouro?
Pastas vazias! Registros ociosos!

Nas gavetas abertas, somente folhas em branco!
Escarafunchando minhas entranhas de arquivista
Só encontro a "ti", a "ti" e a "ti"!
E sem mais resíduos daqueles gozos febris
Regozijo-me com o seu santo rosto,
Livre de rostos outros, que vivi!

Edvaldo Piantino

Edvaldo Piantino



Edvaldo Piantino é médico oftalmologista radicado em Passos.

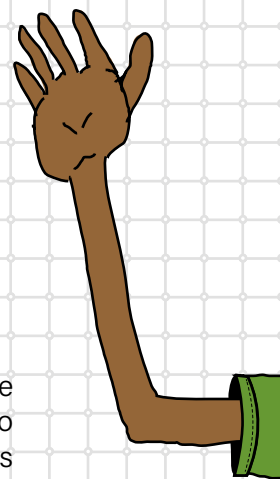
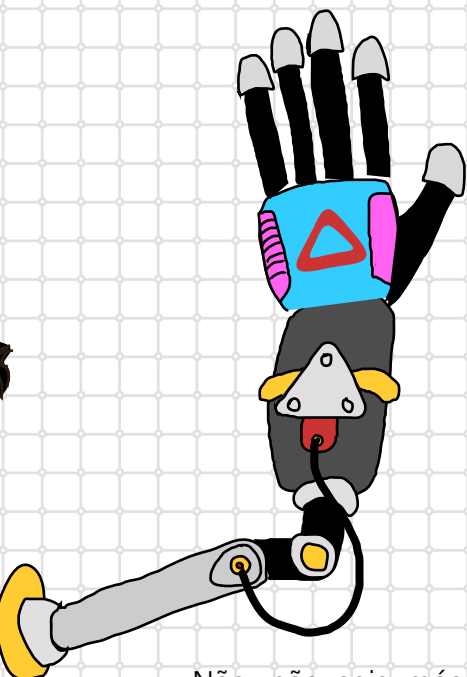
É musicista por hobby e escritor bissexto.

Tem editados os livros "Poesia Esparsa e Prosa Desconexa", "Inato X Adquirido - A História de Lucy", além do álbum de partituras clássicas para piano solo "A Utopia da Criação Musical".

É ainda autor, em tributo aos netos, dos livros: "Bubble Seven" e "O Menino que Ouvia o que Via", no âmbito da literatura infanto-juvenil.

Não sois máquina

Luiz Gonzaga Fenelon Negrinho



Não, não sois máquina. Nem vos deixeis convencer disso — mesmo quando o mundo insiste em reduzir cada um a número, um código, uma peça sem alma no sistema. Ainda que te apertem os parafusos, cobrem produção, cronometrem teus gestos e classifiquem teus sonhos. Ainda que te exijam metas sem fim e lucro incessante, querendo ver em ti apenas funções repetidas, engrenagens obedientes. Não sois máquina. Sois humano. E isso é vasto, infinito — uma revolução silenciosa.

Há algo divino em ser gente. Em carregar essa complexidade frágil: pele que sente, olhos que marejam, mãos que se ferem, coração que se quebra — e, mesmo assim, recomeça. A humanidade não é linha de montagem — é improviso, é canto, é surpresa. Não fomos feitos para girar em círculos, nem para obedecer sem alma. Fomos feitos para parar diante do pôr do sol, sentir o cheiro do pão quente, dançar fora do ritmo, tropeçar e rir de si mesmo. Fomos feitos para amar — mesmo sem garantias.

Foi com esse espírito que Charlie Chaplin, como Carlitos, subiu ao palco em 1940 e gritou ao mundo: “Não sois máquina. Homens é que sois!”

Era tempo de guerra e sombras, mas ele ousou dizer aquilo — com voz trêmula e olhos marejados de quem sabia: mesmo quando tudo parece ruir, ainda florescem almas. Ainda florescem sonhos.

Décadas depois, aquele grito não ressoa como memória, mas como um alerta urgente. Porque há quem esteja esquecendo o que é ser gente — e há quem, no meio dessa pressa metálica, esteja sendo esquecido.

Não sois máquina. Nem mesmo se esperarem de ti a perfeição de uma. Errar não é falha do sistema — é sinal de que se sente, de que se vive. Tropeçar é crescer. Silenciar, às vezes, é também uma forma de dizer. Não somos engrenagens — somos mãos que afagam, olhos que brilham, bocas que cantam.

Carlitos, com seus sapatos gastos e olhar doce, ainda nos observa de algum lugar além do tempo. Pede que não endureçamos o coração. Que não viremos máquina diante das máquinas. Que guardemos, mesmo na pressa brutal do mundo moderno, o que ainda pulsa em nós: ternura, esperança, capacidade de acreditar.

É nessa delicadeza, nessa música interior, que reside a beleza da humanidade. Uma beleza que máquina alguma alcança. Quando esquecemos isso, não perdemos só tempo — perdemos a alma da vida.

Hoje, mais do que nunca, é preciso lembrar: não somos códigos nem robôs.

Somos história, pele e alma.

Somos poesia em movimento.

Somos o improviso, o erro, a queda e o reerguer.

E que esta crônica se encerre como começou o grito: como uma homenagem singela — à ternura, à memória e ao resgate da humanidade em tempos mecânicos.



Luiz Gonzaga Fenelon Negrinho é advogado, cronista e colaborador de órgãos jornalísticos e literários. Divide sua vida entre Passos e Formiga (MG), levando cultura e informação onde for preciso.



O mundo está estranho, o tempo está se abreviando diante da correria que nos submetemos na sociedade atual. Tanto para fazer em tão pouco tempo, tanto trabalho, tantas demandas externas e às vezes não paramos para ouvir as demandas internas. Na ansiedade queremos fazer tudo ao mesmo tempo, queremos agradar a todos no caminho, queremos dar conta de tudo que imaginamos ser necessário e não nos atentamos aos sinais de que é preciso parar e pensar. O que é realmente importante para mim? Para quem eu vou deixar esse mundo? Será que tenho fé suficiente nas promessas de Deus para mim? Isso, supondo que haja uma fé religiosa em algum Deus ou entidade espiritual.

Atualmente passamos e superamos momentos pesados de pandemia, guerras, rumores de guerra, temores de novas doenças, desastres naturais, super exposição a informações através das redes sociais, entre outros e estamos sendo hiper estimulados como nunca antes,

estimulados a ver, ler, ouvir coisas que outras gerações não tiveram em sua vida toda a capacidade de acessar. Nunca estivemos tão ansiosos e depressivos, tão preocupados em criar um futuro ou reparar o passado e acabamos repetindo as mesmas falhas e atitudes no presente, sem perceber que muitas vezes estamos presos em bolhas virtuais ou em padrões de comportamentos inconscientes gerados justamente pela geração que não teve acesso a tudo que temos hoje.



Para muitos pode parecer que estamos vivendo os dias finais dessa realidade e é desesperador pensar que o fim pode estar próximo. Muitos não cuidam da sua saúde mental e espiritual e tomam decisões inesperadas não

ouvindo a si próprio e ao tempo certo de cada coisa. Com as facilidades da vida atual temos a sensação de que dá para seguir todos os caminhos ao mesmo tempo, fazer várias atividades sem sair do lugar, estar com todos em um ambiente e ao mesmo tempo não estar com ninguém, sozinho num quarto fechado e com a iminência de uma vida inteira perder o propósito de dia para o outro, agimos como se não houvesse amanhã, não importando o clamor da mente por cura, do corpo por descanso e do todo por uma vida mais saudável física e emocionalmente.

Estamos vivendo de forma semelhante a um experimento chamado "cidade dos ratos", onde na medida em que os recursos que eram ilimitados foram se tornando escassos, os ratos começaram a agir uns contra os outros até que fossem todos ou quase todos exterminados, agindo assim estamos também nos exterminando uns aos outros porque não temos ciência e

conhecimento real do que ou quem somos no meio de tantas falas perdidas, tanto caos, violência e incertezas.

É difícil pensar em fé em dias tão difíceis, é tão impossível pensar em milagre que nos sujeitamos a viver com o que temos de possível em nossas mãos, é tão raro ter tempo que queremos segurar o peso do mundo nas costas, assumindo para nós dores e fracassos que não são nossos. São poucos os que ainda se predispõem a acreditar em uma vida melhor, mesmo em meio a situações como as dos dias atuais. No meio de tanto desespero e preciso ser poeta, um ponto de luz na escuridão, um porto seguro que ilumina navegantes perdidos em suas próprias tempestades. Se você pensa que não tem tempo para ter tudo que merece, pense agora que você tem o que precisa e todo o resto não é importante, não há como controlar tudo que

se vê ou sente, mas há como se contentar com o maná que flui todos os dias até que se alcance a terra prometida e agradecer hoje pela oportunidade de viver.

Podem mil cair ao teu lado e você não será atingido, ainda que sejam muitos os perigos e desconfortos, ainda que sejam muitos os conflitos ao seu redor, você ainda pode ter paz e transmitir luz aos que precisam. Fé para os dias finais, ainda que muito demore para chegar esse dia, viva como se todos os dias fossem oportunidades de recomeçar e fazer tudo novo de novo. A palavra é verbo e ação que nos move a realizar no Eterno aquilo que parece não ser real. Eleve o seu pensamento a Ele pois os pensamentos dEle são maiores que os nossos.

Você não está só!

Pedro Garrido

Pedro Garrido



Pedro Garrido é poeta, escritor, palestrante, e fundador do Sarau (Uni)versos Livres, que é realizado todo último sábado do mês em Ityaboraí. Morador de São Gonçalo, RJ, Pedagogo pela Unyleya, com pós em Comunicação e Oratória, participou de várias antologias, membro de 3 academias literárias e coletivos culturais, participa de eventos literários nacionais e internacionais, lançou em 2021 o primeiro livro, sendo autor de 4 obras individuais, sendo uma delas voltada para o público infantil.

LIMITES & Ilusões

A pessoa que sinceramente deseja empreender o desafio da experiência da vida é importante começar e regressar a si próprio.

É preciso regressar e habitar o mundo interior e encontrar aí sua densidade humana. A vivência humana em grau de profundidade e autenticidade implica percorrer o caminho do conhecimento de si. Caminho que exige um encontro inevitável com suas áreas de sombra.

Esse caminho de autoconhecimento consiste numa descida para aquelas partes que são ocultas e inconscientes para nós próprios. O ser humano vive angustiado e se esquece que tem um tesouro dentro de si mesmo, porém busca-o em lugares distantes. Lembra as palavras do poeta Mário Quintana (1906-1994) quando diz: "Quantas vezes a gente, em busca da ventura, procede tal e qual o avozinho infeliz: Em vão, por toda a parte, os óculos procura tendo-os na ponta do nariz". É preciso trabalhar a interioridade e o coração. É necessário deixar-se alcançar através das buscas incessantes em seu mundo interior.

regressar com densidade a si próprio.

Prof. Dr. José Pereira da Silva



Muitas pessoas no frenesi da sociedade acabam por desertar-se de si mesmas; mergulham no imediato do mundo e se afastam de si mesmas. Passam a encarar sua interioridade como algo estranho e inacessível.

A pessoa em sua unitotalidade de corpo, espírito e alma deve buscar a integração. A vivência da interioridade implica essa integração e harmonia. É sempre necessário um regresso ao centro de nós mesmos e de encontro à verdade de si.

É empreender uma viagem profunda ao nosso ser da qual muitos tem medo, pois se acostumaram numa vivência superficial de si mesmos. É uma jornada para se chegar ao fundo de nós e encontrar nossa singularidade.

É um caminho de aceitação desse mundo interior para sermos livres naquilo que marca numa singularidade. Singularidade com tudo que cada pessoa traz dentro de si. Um encontro sincero com a própria humanidade. Num mundo das aparências e do instantâneo que muitas vezes levam as pessoas a não serem verdadeiramente elas próprias.

É importante ter humildade para descer até à verdade de si, até a interioridade. Atingir à verdade de si é um caminho desafiador de liberdade. Aceitar e compreender esse mundo interior sem medos. É se desvencilhar de papéis que não nos competem. Perceber que caíram todas as máscaras. Como escreveu o ensaísta libanês Khalil Gibran (1883-1931): "Benditos, benditos ladrões que roubaram as máscaras. Foi assim que enlouqueci. E encontrei na loucura a liberdade e a salvação: liberdade da solidão e salvação da compreensão, porque aqueles que nos compreendem subjagam sempre alguma coisa de nós".

É iniciar um sério trabalho sobre nós mesmos deixando de lado imagens ideais. Encarar os dramas interiores sem ilusões, é

trabalhar o material existencial. É enfrentar a realidade de desafios e possibilidades. É se olhar de forma realista e não irreal. Feridas e dramas que precisam ser vistas e nomeadas.

É percorrer uma trajetória de qualificar as experiências vividas. Nossa sociedade comete muitas violências simbólicas que prejudicam a experiência autenticamente humana. Implica dar densidade real a vida num mundo das virtualidades e das maquiagens da existência cotidiana.

Esse mergulho no interior exige encarar nossa criaturalidade e finitude. Como

nos lembra o escritor francês Charles Péguy (1873-1914): "Porém, quem não caiu não será levantado; e a quem não está sujo, ninguém limpará".

O filósofo Paul Ricoeur (1913-2005) analisando Édipo de Sófocles nos diz que o drama consiste que o homem que ele amaldiçoou pelo crime é ele próprio, e que ele precisa reconhecer isso.

Num mundo de tantas ilusões e simulacros é fundamental conhecer, reconhecer e mergulhar no mundo interior para resgatar o homem perdido. Esse homem precisa se reconciliar consigo

para regressar à vida autêntica. Não pode se refugiar nas ilusões que cria é enfrentar a tarefa do paradoxo do Górgia, de Platão: "Em que escapar ao castigo é pior que sofrê-lo".

É urgente trazer à luz essa interioridade com seus paradoxos e desafios existenciais. É preciso reconhecê-lo e chama-lo pelo nome. Nomear o que se sente é um passo importante. É uma aventura humana desafiadora e fascinante!

04.07.2025

Prof. Dr. José Pereira da Silva

Prof. Dr. José Pereira da Silva



José Pereira da Silva
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciado em História e Filosofia. Bacharel em Teologia. Formado em Psicanálise Clínica e Teoria Psicanalítica. Formado em Psicoterapia Breve. Pós-Graduação em Antropologia Teológica, Psicologia Pastoral, Ciências da Religião e Pensamento Teológico, Literatura Comparada e Teoria Literária. Membro de várias Academias de Letras. Membro da Academia Brasileira de Hagiologia. Academia Marial do Santuário de Aparecida.

Livro LEA E A LUA, da escritora Deucelia Maciel, inspira estudantes de Escola VILA VITÓRIA, em Campinas SP.

Em trabalho da Professora de Artes, Carla Berigo, (com arranjo desta), alunos criam letra baseada na obra.

SEÇÃO MUSICAL



Por que apreciamos somente quando perdemos,
E se vê a beleza de um lugar quando está longe?

Nada tinha valor no que deixei
O que tanto sonhava, eu alcancei
A beleza não era ir a lua
Mas viver o lado bom da vida.

Amar aqui na terra até a lua
Amar hoje na ida e na volta
Amar no deserto até na rua
Porque nem tudo na vida tem volta.

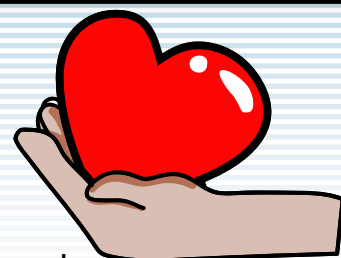
Compositores:

Guilherme Becklas
William Kenzo Aoki da Silva
Miguel Alves da Costa
Maria Luiza de Sousa Oliveira
Melissa Pereira Gervazio
Pablo Henrique Felicio Leite
Carla de Paula Berigo



ouvir a belíssima música!

O PRÓXIMO



- Sim, bem próximo. O mais perto do que imaginas!

Ao estudarmos a proximidade do seu próximo podemos concluir que ele pode estar bem longínquo e até demais.

- Peraí, alguém diz. Como assim, se está próximo só poderá estar próximo. Não tem outra alternativa não.

- Tem sim!

- Como, uai?

- Uma pessoa, amiga ou não, é o seu próximo, digamos assim. Aí ela está longe do seu pensamento e você, pouco ou nada, a ela dedica atenção. Então este seu próximo está destinadamente fadado a ser um próximo distante. Entendeu agora?

- Caramba! É verdade mesmo.

- Agora, se você liga (no sentido de dar atenção e no pegar o celular e ligar para ela) ela se torna verdadeiramente o seu próximo, concorda? O problema está na ação: Ligou, o seu próximo está próximo! Não tá nem aí para o seu próximo (e deveria estar), o seu "considerado próximo" está distante. Tem muita gente que é o nosso próximo, mas o fazemos "um próximo distante".

E um próximo distante não receberá de nós o carinho para ser chamado de "seu próximo".

Estamos querendo demonstrar aqui que é tão simples nos dedicarmos aos nossos próximos. Um bom dia ao adentrar um elevador e desenvolver a fala deste "bom dia", com certeza, mudará para aquela pessoa recebedora deste

carinho-atenção talvez não somente o dia, mas até a semana toda. Se ela se levantou pesarosa, para baixo mesmo, sem o ânimo ao trabalho, com certeza o "bom dia" automaticamente já mudou aquela situação.

- Será? Alguém com certeza dirá.

- Faça experiências todos os dias e perceberá os resultados. Se não ouve alguma melhora para aquele seu próximo, apago este texto definitivamente.

As pessoas, quaisquer que sejam, mesmo aquela que você nunca tenha visto na sua vida, são seus próximos. Já atentou para isso alguma vez? O seu próximo não é só aquele que está regularmente, dia a dia, com você. Próximos de nós são todos os indivíduos vivos. É sim, todos!!!

- Ei Zé, quer ser o meu próximo mesmo já sendo?

Eu digo, o José das Quantas, mesmo não respondendo-me (por não haver entendido nada de nada) é o meu próximo.

O MEU, O SEU PRÓXIMO, NÃO NECESSITA ESTAR AO SEU LADINHO NÃO. Basta que você o tenha como desejo de lhe oferecer algo que o satisfaça alegria e o contento. Algo bom, simplesmente.

- Mas devo conceder ao meu próximo e contar a ele?

- Se quiser, até pode, mas não vai combinar com quem olha o próximo VERDADEIRAMENTE COMO O SEU PRÓXIMO!

- A pessoa revisora de meus textos vai me dizer assim:

v

- Montanari você exagerou na palavra PRÓXIMO.

Responderei:

- Dá para reconsiderar aí, é necessário ao entendimento, mesmo fugindo às regras. E sorrio.

- Desta feita passa, não torne n'outra, viu?

Meu Mentor Espiritual (todos temos um, ou mais) eu entendo que me direcionou a redigir este texto (não é uma psicografia, quem sou eu para tal) (ainda estou entrando no jardim da infância do estudo da Ciência Espiritual-da Doutrina Espirita). Sigo aqui, sem parar digitando, fluindo meus pensamentos como que algum espírito bom me ditasse as palavras e as conclusões. Pois são conclusões verdadeiras às vistas da cultura espiritual, assim entendo.

Tenho somente uns quatro ou cinco anos de leituras sobre o assunto. Leituras sim, estudos não considero ainda. Estou nos preâmbulos para adquirir uma boa base para, aí sim, estudar o que Allan Kardec codificou para entendimento: O que Jesus espera que aprendamos e levemos a prática, com constância diária.

Já passou do tempo e hora de considerarmos o outro, o próximo, como "isto é problema dele". As pessoas tem absorção de conhecimentos em vários níveis. O entendimento cultural varia conforme o desfecho da vida de cada um! Somos iguais na criação divina, mas diferentes a cada vida.

Se esperarmos que o outro faça ao próximo, estaremos deixando o nosso próximo de fora da atenção devida a ele. Vamos dar mais atenção a cada ser que ocupa lugar aqui neste planeta, de provas e espiarações, como todos merecem.

Pergunto:

- O que custa cada um fazer a sua parte?

- Custa caro, olhem só:

- Custa um alô?
- Custa um bom dia?
- Custa um telefonema, mesmo rapidinho?
- Custa uma mensagem ou um áudio, coisa que se faz centenas de vezes no zapzap e nas redes "sociais"?
- Custa uma passadinha para um abraço e até um beijo no rosto?
- Custa um aceno do outro lado da avenida para alguém?
- Custa um bate-papo descontraído para tirar alguém das tristezas da vida?
- Custa até enviar uma figurinha que tenha sentido e nem precisa bombardear o próximo com elas, custa?

Não custa dar presentes, a presença e a atenção valem muito mais!

- Custa um elogio sincero pois as pessoas desacostumaram de recebe-los?
- Custa um aperto de mão mesmo que não conheça o seu próximo, mas ele agradecerá no coração, custa algo?
- Custa um abraço (ou abração) sem que a pessoa espere isto de você?
- Custa ser gentil nos lugares públicos, custa?
- Custa dedicar uma oração aquela pessoa que você viu na rua transformada em pedinte?
- Custa dar lugar no transporte público ao próximo que idoso e a mulher grávida, o deficiente, ou mesmo a mulher normal, vai te custar algo?
- Custa oferecer a sua vez na em qualquer fila que seja?

- Enumerei aqui algumas ações que não custam nada, basta fazê-las, praticá-las diariamente, costumeiramente...

Não venha me dizer que o “apressado da vida” lhe impossibilita de ter estas ações? Algumas nem levam um segundinho para serem usadas.

Se você ler livros psicofonados e/ou psicografados perceberá que todas estas simples ações são citadas e recomendadas. Somos carne bruta que “um dia ao pó retornará” (procure na Bíblia esta citação)... Mas nunca deixaremos de ser espíritos. Acredite ou não, teremos sempre missão aqui na terra e teremos a graça de poder voltar e ser UMA PESSOA A OLHAR O NOSSO PRÓXIMO!



Eu e o meu Mentor, como o imagino! E me puxa as orelhas...

Carlo Montanari,

um contador de “causos”, possui 9 livros editados e mais de 80 participações em antologias. Editou livros de contos, infantis e espirituais.

Tem várias premiações no Brasil e no exterior, como Troféu Especial Camões, em Leria-Portugal, Troféu Carlos Drumond de Andrade, em Itabira-MG, Prêmio Melhor Livro Infantil, em 2022, pela Associação Internacional de Escritores, dentre outros...

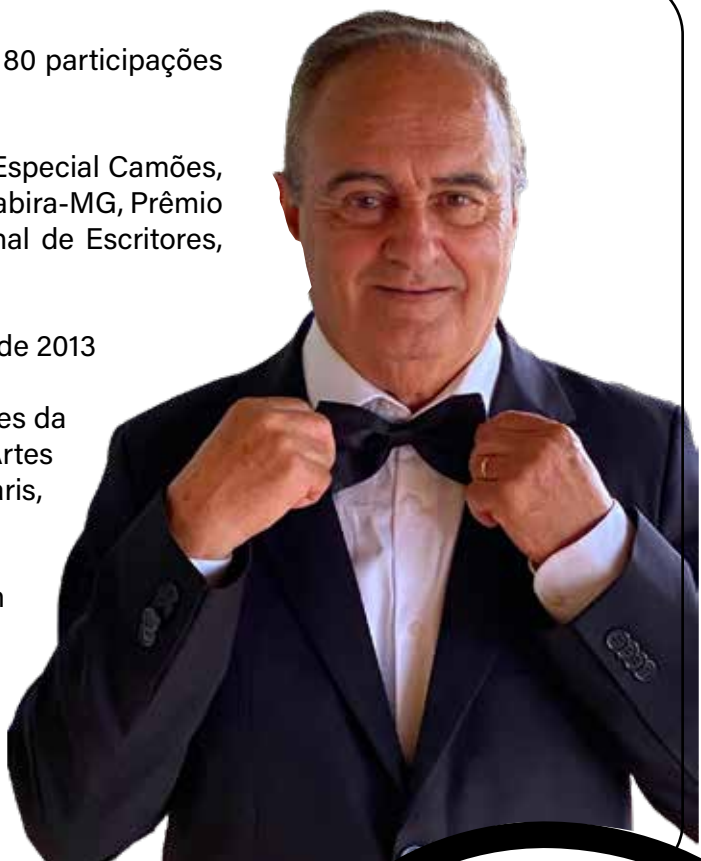
É criador do projeto Semeando Livros Mundo Afora, que desde 2013 doa livros por onde passa.

Acadêmico Fundador da Academia de Ciências, Letras e Artes da Itália, é membro do NALAP - Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal, Acadêmico da Academia de Letras da França-Paris, dentre outras. E por aí vai...

Fundador da Revista ARDEIA, nos anos 70, que agora, em 2024, foi relançada em formato digital.

Contate o autor:

Whatsapp +55 (35) 9 8424-4822





transforma

São José da Barra

em palco de

diversidade cultural

A 5ª edição da Mostra Tunin de Teatro de Rua, realizada entre os dias 1º e 9 de agosto de 2025 em São José da Barra (MG), consolidou-se como um dos eventos culturais mais importantes do município e da região do Lago de Furnas. Durante nove dias, ruas, praças, escolas e até a Feira do Produtor Rural transformaram-se em palcos de arte e convivência, reunindo um público estimado em mais de 3 mil pessoas.

Com a proposta de democratizar o acesso à cultura e descentralizar a produção artística, a Mostra levou espetáculos para o centro, bairros, comunidades rurais e até mesmo para dentro das casas, em intervenções poéticas especialmente voltadas a pessoas com dificuldade de locomoção e acesso.



A diversidade cultural e a arte para o povo estiveram no centro da programação. A abertura contou com a participação da poetisa Nice Rosa, que deu o tom de sensibilidade ao encontro que, literalmente, adentrou a casa das pessoas.

O público pôde acompanhar a performance ambulante As Capivaras, da Casa Volante (Guapé-MG), que envolveu espectadores em interações improvisadas; a atriz e cordelista Bianca Freire, do Vale do Jequitinhonha, com o solo 3 Contos de Amor, que resgatou memórias afetivas e o valor cultural de sua região; a peça Atenção, Respeitável Público!, da companhia Damião e Cia, de Campinas, que combinou humor e crítica social em diálogo direto com a plateia; e o tradicional grupo Mamulengo Flor do Cafezal, de Guaxupé, que trouxe a força e a irreverência do teatro popular nordestino.



Entre os momentos mais marcantes, destacaram-se o Cortejo da Trupe Ventania, que arrastou o público em um desfile festivo pelas ruas da cidade, integrando música, teatro e celebração coletiva e a participação especial da bateria feminina Batukaê reuniu grande número de pessoas, transformando a praça em uma explosão de energia e dança.

Apresentações musicais como as de Allyce & Ernane animaram os espaços, enquanto artistas convidados, como a poetisa Vânia Ságio, trouxeram momentos de reflexão. Além dos espetáculos, a Mostra promoveu



atividades formativas, como a oficina conduzida pela coordenadora Sabrina Moura, debatendo economia criativa, e o bate-papo transmitido pelo YouTube com Wanderley Martins (Grupo Mambembe), que ampliou o debate sobre arte, cultura popular e os desafios do fazer teatral no interior.

A programação também inovou ao abraçar, dentro da sua programação, o 1º Encontro de Folias de Reis de São José da Barra,

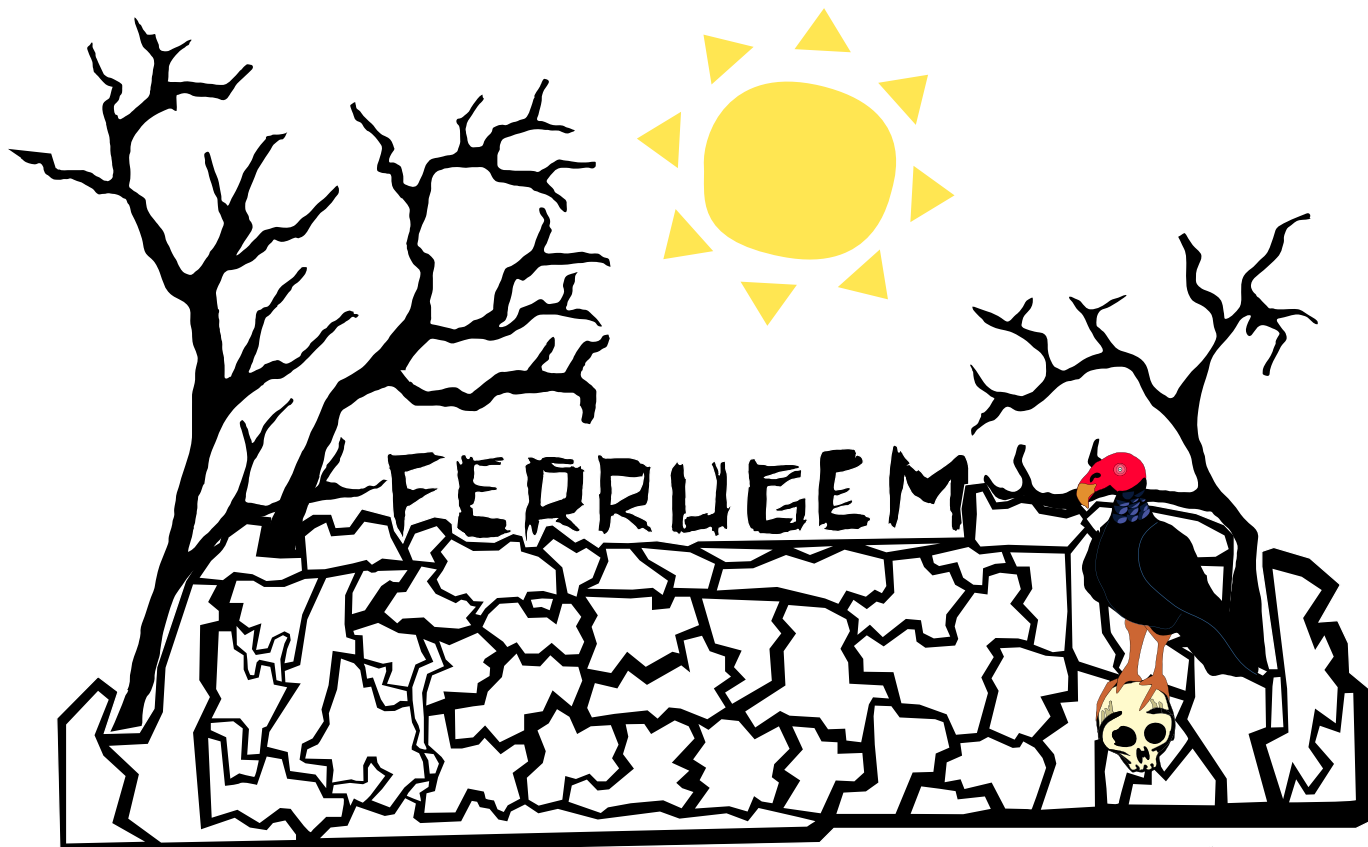
organizado pela Folia Unidos de Santos Reis, ampliando a valorização das manifestações culturais tradicionais da região.

Segundo Sabrina Moura, o sucesso da Mostra não se deve apenas à qualidade dos grupos convidados, mas também ao engajamento da comunidade local, que participa de forma calorosa e ativa. Os artistas destacaram a receptividade do público e a hospitalidade da cidade. Com programação gratuita e diversificada, a 5ª Mostra Tunin cumpriu seu objetivo de aproximar arte e comunidade, mostrando que a cultura popular tem o poder de transformar realidades e unir pessoas.

Larissa Liger Greve
(19) 98152 3733 | MTB 37.911



Projeto realizado com recursos do Edital LPG 10/2023 – Estado de Minas Gerais, organizado pelo Instituto Tunin e coordenado por Sabrina Moura.



ADAÍLTON ALMEIDA



Ainda que os esmaltes pouco tingissem suas unhas,
Quando menina coloria de fábula o sertão árido,
Modelava bonecas com dedos ornados de barro,
Saciava-se, mesmo quando os açudes eram poças sujas.

A menina, sempre viva, em seu encalço,
Ainda quando a morte assolava animais e gentes,
Costurava as roupas e a vida, com esperança de aço,
Apesar do gosto da ferrugem atrás dos dentes.

Desafiava as manhãs heterogêneas de luz e calor cruel,
Com o carcará, entoava um canto que ameaçava o silêncio do céu,
Em seu peito a agonia de ser mulher explodia.

Mas havia dias que o sol estralava como uma romã madura,
E a menina com barro nos dedos morria,
Porque o sertão absorvia a sua doçura.

Autor: Adaílton Almeida



(Poesia classificada em 2º Lugar no Concurso Nacional De Poesia Lila Ripoll da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul).



Adailton Almeida nasceu em 1992, em São Caetano do Sul/SP. É advogado, graduado em Direito pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Atualmente, cursa Letras na Universidade Federal de Lavras.

Escritor premiado em concursos literários nacionais, no gênero prosa e poesia. Autor do livro “Poesias Inusitadas” (2023), vencedor do “Prêmio Resistência 2023”.



Igrejas de Passos MG
Maurício Ponsancini

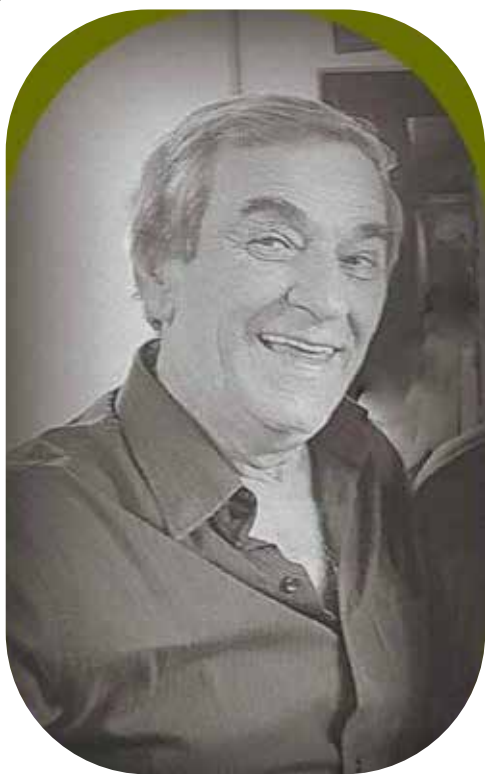


Vila Viçentina — grupo de casas construídas para os pobres, construídas em
são a Igreja "S. Francisco"





A revista ARDEIA cultural faz homenagem ao Artista Plástico e Restaurador da cidade de PASSOS MG



MAURÍCIO PONSANCINI

que, além de registrar a cidade com suas belíssimas obras, realiza restaurações retornando peças ao seu "estado de novo". E, nas suas redes, registra a história.

CARLO MONTANARI



NOTA DA REDAÇÃO ARDEIA

Leitor, identifique e nos envie os nomes das igrejas. (Seguir a ordem da publicação das fotos)

CONCORRA A LIVROS DOS ESCRITORES
Carlo Montanari e Deucelia Maciel.

Enviar respostas para
WhatsApp (35)9 8424-4822

Miniconto

Parte II Alberto Calixto Mattar Filho

Paulo. Paulo Tomázio de Araújo Cerqueira Júnior. Nada pequeno. Como dar título ao livro que apenas gestava em seu espírito era um problema mínimo.

A questão maior lhe parecia o nome do autor. Paulo Tomázio não soava bem. Paulo de Araújo ou Paulo Júnior padeciam do fato de serem muito comuns. Talvez sobrasse mesmo para Paulo Cerqueira. Ele o julgava mais charmoso e comercial para as editoras.

O momento também não lhe era favorável. Nada lhe vinha à memória para enfim explodir o gênio literário que imaginava possuir. Ora, por que tanto pudor de arriscar, de soltar as amarras, de se envolver com a criatividade. Sim, os grandes nomes da literatura provavelmente se jogaram de cabeça. Por que não eu, Paulo Cerqueira?

É certo que gozava de um bom reconhecimento em sua cidade, já em razoável progresso para o que se espera de um município de cerca de 60 mil habitantes, no interior do Espírito Santo.

Atingira o topo da carreira no órgão em que trabalhava, a chefia do posto do INSS local. Para variar, era um dos infinitos bacharéis em direito do Brasil.

Mestre em previdenciário, defendera com louvor sua tese e recebeu os devidos reconhecimentos da banca examinadora da Federal de Vitória. Onde houvesse alguma dúvida quanto aos labirintos das licenças, perícias, benefícios, aposentadorias e tantos aspectos burocráticos, lá estava o doutor Paulo para resolver os imbróglios. Comandava também um grupo de 18 funcionários, mas isso não lhe era nada prazeroso.

Leitor voraz, via, pois, no ato de ler um momento de paz, de solidão necessária e até de saúde emocional. Faltasse a leitura, e o crônico incômodo com a realidade se tornava um verdadeiro suplício para ele.

Aliás, acreditava mesmo na necessidade de ler cada vez mais para, finalmente, elaborar seus contos, versos e o ideal maior, os romances.

Mantinha admirações, claro. Como Dostoiévski conseguira criar "Crime e Castigo" e "Os Irmãos Karamázovi"? O que deu em Saramago quando arquitetou "Memorial do Convento"? O que dizer do legado de Machado de Assis? E Garcia Márquez em "Cem Anos de Solidão"?

Na realidade, Paulo se sentia um invejoso. Queria louca e obsessivamente ter a mesma capacidade de criação de seus ídolos. E o mero desejo, havia tempos, saltara dos níveis aceitáveis para os doentios.

O pior é que não dividia nada com ninguém, o que agravava as tormentas. Não era capaz de gritar que estava doente, de bradar por socorro, de vociferar que sofria de um mal psicológico que o atacava em intervalos cada vez menores. Uma neurose a largos passos para terrenos muito mais problemáticos e perigosos.

Ainda assim, lá estava o Dr. Paulo atrás da mesa, envolto com os inúmeros processos administrativos do INSS, essas questões de suma importância para a resolução dos problemas alheios. Um mestre no deslinde de encrencas múltiplas.

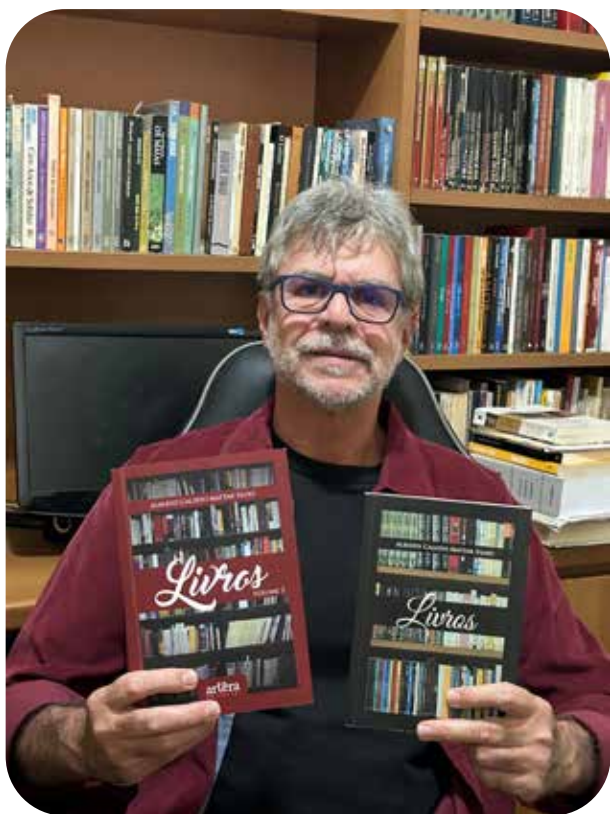
Pois bem, naquele estressante 14 de fevereiro, acreditava que viria a sofrer um fulminante ataque apoplético, daqueles tão bem narrados por Eça de Queiroz. É que os abismos entre realidade e desejo atingiam o ápice. Foi-se o controle de vez.

Ao final do expediente, subiu, portanto, os degraus do pequeno apartamento onde vivia sozinho após três anos do divórcio. Os namoros também não engataram os ritmos ideais. Foram apenas sexo casual.

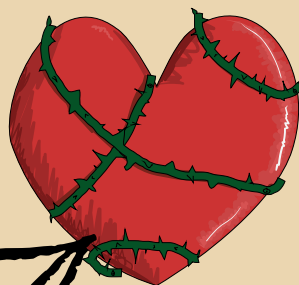
Ao chegar, tomou duas boas doses do Chivas 21 anos, pegou o velho caderno de anotações e começou a escrever de modo frenético. Ufa! Percebia que aquele manuscrito de médio porte era, de fato, um texto com valor literário. Deixou-o sobre a mesa. Tomou mais duas doses do Chivas. Abriu o cofre. O calibre 38 já estava carregado.

Só a literatura podia libertá-lo. Noutra dimensão, suas gargalhadas estrondosas ecoavam por todos os quadrantes do espaço infinito.

Alberto Calixto Mattar Filho



Alberto Calixto Mattar Filho, natural de Passos-MG, é formado em Letras e Direito, com carreira na Justiça do Trabalho também de Passos, e possui dois livros de resenhas literárias publicados, *Livros*, com 50 textos, e *Livros*, volume 2, com 60 textos, este disponível nas lojas virtuais, inclusive a Amazon. Siga seu perfil no Instagram e Facebook.



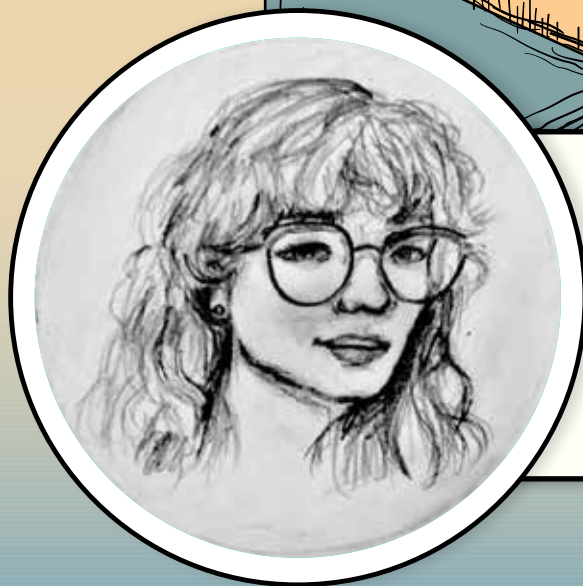
Ansia

Lalita Babs (Laís Berigo)

Todo mundo sabe
Sempre tem alguém
Que espera um amor pra cuidar
Amor pra receber
E sentir que tem algum valor

Todo mundo quer ser amado por alguém
E todo dia eu espero por isso
E querem crucificar o amor todos os dias
Matá-lo dentro da mente é um suicídio

Como que vão tentar fazer uma estrela parar de brilhar?
É como impedir a vida de acontecer
Como o homem parar de pensar
A planta parar de crescer
E como a chuva parar de cair
O coração parar de bater



Lalita Babs ou La.B, pseudônimo usado na internet de seu nome Laís Berigo, é uma adolescente brasileira (17 anos), começou suas obras em 2022, mas, já escrevia aos 10 anos. Foi inspirada por amigos, família e escritores. É possuidora de uma vocação artística em áreas além da escrita. La.B é autora de gêneros textuais narrativos, não dispensando uma nova experiência ao criar.

BETO ROSA



Comecei a minha carreira como músico em 1975 quando participei de um grupo de jovens no Educandário chamado Mojur (Movimento Juvenil Rogacionista), na época dos saudosos padres italianos Domingos e Príncipe!

Participava das missas das dez aos domingos tocando violão e cantando! Em 1976 tive o prazer de tocar e cantar no Conjunto do saudoso Adão Bonfim chamado The Condors!

Participei em 1978 e 1979 do FEMUSA Festival de Música Sacra! Também em 1976 comecei a cantar em casamentos e isso continua até hoje.

Nos anos 90 junto com o meu amigo Marcelo Andrade montamos a Banda GRAVES & AGUDOS que acabou em 2004!

De 2005 pra cá venho fazendo carreira solo até os dias de hoje! Em 2016 tive o privilégio e orgulho de ter sido convidado para gravar um CD com 12 músicas compostas pelo meu querido amigo e compadre Benedito José! O CD teve o título de AMOR PERFEITO!

Atualmente continuo tocando e cantando nos casamentos, festas de aniversário, eventos comerciais!



Show no CPN em 1990. Mark Piassi (bateria), Marcelo Andrade (voz) e José Roberto (voz e violão)!



Época da BANDA GRAVES & AGUDOS



GRAVES & AGUDOS Baile na ABB 1996!
Roberto (teclados) Marcelo Andrade (voz) e José Roberto (guitarra e voz)!

LITERATURA

DANÇAS

CINEMA

HUMOR

CULINÁRIA

ESPORTES OLÍMPICOS

fotografia



CHARGES

TEATRO

CURIOSIDADES

MENSAGENS DO ALTO

Viva a cultura brasileira!

AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DE INTEIRA
RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES!

ARDEIA, que fez a diferença nos anos 70,
FARÁ NOVAMENTE A DIFERENÇA AGORA NO SÉCULO 21.



Carlo Montanari

Esperamos na edição 20, até lá!

Conheça nossas redes sociais



@REVISTAARDEIACULTURAL



ESCRITORCARLOMONTANARI
REVISTAARDEIACULTURAL

EQUIPE ARDEIA

Editor: Carlo Montanari

Designer gráfico e ilustrações: André Corsi

Assistência editorial: Sabrina Moura

COLABORADORES:

Adailton Almeida - Passos - MG

Alberto Calixto Mattar Filho - Passos - MG

Carla Berigo & Alunos - Campinas - SP

Carlo Montanari- Passos - MG

Evaldo Piantino - Passos - MG

José Pereira da Silva - Taubaté - SP

Laís Berigo - Campinas - SP

Larissa Liger Greve - Campinas - SP

Luiz Gonzaga Fenelon Negrinho - Formiga - MG

Maurício Ponsancini - Passos - MG

Sabrina Moura - São José da Barra - MG

